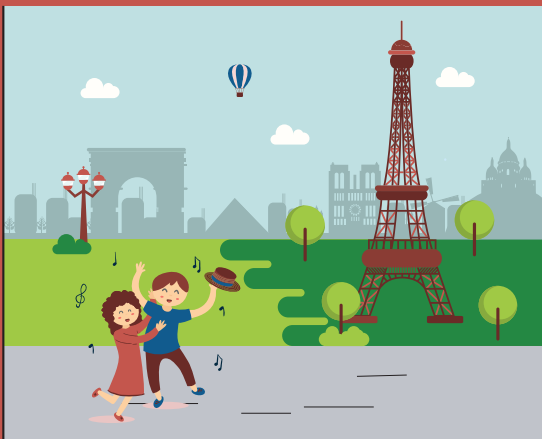


Cineteatro António Lamoso

20

FEVEREIRO 2022



SINFÓNICOS

UM AMERICANO EM PARIS
BANDA SINFÓNICA DE JOVENS
DE SANTA MARIA DA FEIRA

Programa

Leonard Bernstein

Danças Sinfónicas de West Side Story

- Mambo
- Cha cha
- Meeting Scene
- “Cool” fugue
- Rumble

Artie Shaw

Concerto para clarinete

Solista Clarinete Telmo Costa

George Gershwin

Um Americano em Paris

Peter Graham

Cats Tales

- Scat!
- Catwalk
- Catnap
- Tocatta

Notas ao Programa

Um “Romeu e Julieta” americano e musical: *West Side Story*



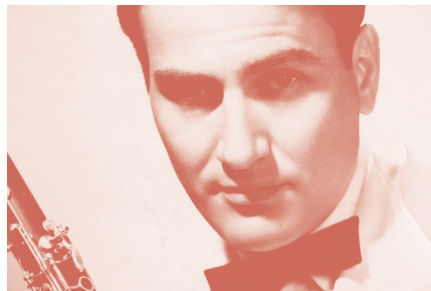
O musical do famoso maestro e compositor Leonard Bernstein (1918-1990), *West Side Story*, estreou com enorme êxito em Nova Iorque, em 1957. Esta obra — que nem é uma ópera, nem uma comédia musical, mas sim uma mistura das duas — tornou-se num importante marco na história do teatro norte-americano.

A história de *West Side Story* desenrola-se em Nova Iorque, com os arranha-céus em pano de fundo. Dois grupos de jovens rivais, os Sharks, porto-riquenhos, e os Jets, de origem europeia, disputam o controlo do espaço urbano dentro de um código próprio de guerra e honra. Tony, líder dos

Jets, apaixonou-se, e é correspondido, por Maria, irmã do líder dos Sharks. Este amor proibido — tal como o de Romeu e Julieta na versão original de Shakespeare — ataca ainda mais a rivalidade entre os grupos e levará também a um final trágico.

A rica música sinfónica de Leonard Bernstein para esta peça adequa-se eficazmente às necessidades cénicas que incluem grande fluidez entre dança, diálogos falados, cenas cantadas a solo ou em grupo, entre muitas outras. Os momentos musicais que ouviremos neste concerto correspondem a movimentadas danças que incluem, entre outras, várias referências aos ritmos latino-americanos.

O enérgico concerto para clarinete de Artie Shaw



O clarinetista e compositor Artie Shaw (1910-2004) foi também maestro e director da sua “Big Band” ou Orquestra de Jazz, dedicada sobretudo à dança. A sua fama como improvisador é lendária e a sua orquestra estava a desenvolver-se numa época em que alguns compositores associavam a linguagem do jazz à música clássica da tradição europeia. Foi nesse espírito que Artie Shaw fez algumas encomendas de obras a outros compositores americanos e que ele próprio compôs um concerto para clarinete e orquestra de sopros com o objetivo de o tocar como solista.

Este concerto, cheio de virtuosismo, não segue a estrutura clássica de uma obra

para solista e orquestra e isso gerou crítica nos meios intelectuais ligados ao jazz. Não obstante, o público adorou a sua composição e esta mantém-se popular até ao presente. A sua história começa em 1940, quando Artie Shaw escreveu música para o filme *Second Chorus*, que contava com a participação de Fred Astaire. Shaw extraiu dessa banda sonora uma peça designada *Swing Concerto*, que consistia numa longa improvisação para clarinete solo e tinha duas intervenções da orquestra. Depois do fracasso do filme, essa peça musical foi reescrita e arranjada com outros instrumentos, dando origem a este *Concerto for Clarinet*.

Duas características distintivas desta obra são o uso de glissandos no clarinete, ou seja, passagens de umas notas para as outras através de modulação do som, e a utilização, no final, de uma bela nota anormalmente aguda à qual se chega precisamente com um glissando.

Gershwin: Um americano em Paris



Um Americano em Paris é uma das obras com que o compositor americano George Gershwin (1898-1937) protagonizou, na década de 1920, a criação de “música de concerto americana”, distinta da tradição europeia. Esta obra sinfônica, tal como o seu título indica, pretende ser uma imagem dos sentimentos e impressões de um viajante americano na movimentada e sedutora capital francesa. Um dos traços característicos da partitura é o recurso às buzinas de automóvel que evocam os ruidosos táxis das ruas parisienses. Nesta obra, Gershwin retrata o colorido da cidade, que visitou em 1926 e 28: o movimento das pessoas e veículos, a frescura e alegria das praças e jardins, os cafés e os sons da rua, entre outras coisas que captaram a atenção e os sentidos daquele viajante americano.

George Gershwin era filho de um casal de imigrantes russos nos Estados Unidos. O seu talento musical revelou-se cedo, tocando piano de ouvido. Com os primeiros professores adquiriu técnica pianística e conhecimento da música de grandes mestres europeus. Todavia, foi no âmbito da música popular – nos famosos “musicals” da Broadway – que conheceu os primeiros sucessos, advindo-lhe do teatro musical e do cinema enorme fama e fortuna. Com pouco mais de 20 anos, o nome de George Gershwin era conhecidíssimo em Nova Iorque e a sua presença nas festas sociais acrescentava brilho e fornecia assunto aos *media*. As suas experiências sinfônicas, nos anos 20, misturando os ritmos e melodias da música popular com as fórmulas e padrões clássicos, granjearam-lhe reputação junto da crítica e dos círculos intelectuais, tanto na América como na Europa. No auge da fama, Gershwin morreria subitamente em Hollywood, em 1937, vítima de um tumor.

A estreia de *Um Americano em Paris* teve lugar no Carnegie Hall de Nova Iorque, em Dezembro de 1928, com enorme sucesso. As notas de programa do primeiro concerto, de Deems Taylor com a colaboração do próprio compositor, referem o seguinte: “Imagine-se um americano, visitando Paris, descendo pelos Champs-Élysées,

numa agradável manhã, ensolarada, de maio ou junho. Sendo o que é, ele arranca aos poucos e num instante atinge toda a velocidade com a melodia do “tema do boulevard” (ou “passeio”), uma canção projetada, simples e diatônica, que pretende transmitir a sensação de liberdade e alegria gaulesa...”

Esta melodia facilmente reconhecível abre uma série de temas musicais que testemunham a imaginação inesgotável de melodias e cores orquestrais de Gershwin, retratando uma avenida de Paris, com cafés de onde saem ecos de canções, com as pessoas e os automóveis em movimento. Numa segunda secção, o ritmo alarga-se para dar lugar a um solo de *blues*, em trompete, que parece evocar a noite e o universo do jazz americano por onde, certamente, passam os pensamentos do nosso americano em Paris. Romance ou nostalgia parecem ser as palavras-chave para o ambiente desta secção. A nostalgia, porém, é rapidamente substituída por uma nova melodia cheia de vivacidade, também apresentada pelo trompete, um *sincopado* charleston. A obra prossegue ainda com a recapitulação dos “temas de boulevard” e termina com a evocação do *blues*. Ou não fosse Gershwin, ele próprio, um Americano em Paris e o protagonista do quadro musical.

Os “cats” de Peter Graham



O compositor inglês Peter Graham (n. 1958) é um especialista na música para sopros e conta com um extenso catálogo de obras para várias formações baseadas naqueles instrumentos. O próprio revela-nos a história desta obra: “Na década de 1980 tive a sorte de viver e trabalhar em Nova Iorque. Desde a década de 1930 que a “Big Apple” gozava da reputação de capital mundial do jazz. E, de facto, o jazz parecia ser uma parte da estrutura da vida quotidiana na cidade. Podia-se passar por Frank Sinatra a sair do clube The Players ou Buddy Rich a caminho de uma sessão, enquanto a poucos quarteirões a sul do meu apartamento o famoso Blue Note Club recebia uma sucessão de músicos lendários (conhecidos por “cats”), de Dizzy Gillespie, à estrela ascendente Wynton Marsalis. “Cats Tales” é um tributo a

quatro músicos fabulosos que partilhavam o amor pelo jazz e pela cidade.

O andamento “Scat” é uma homenagem ao grande saxofonista Sonny Rollins, partindo da sua composição Airegin e dando espaço e brilho a vários solistas instrumentais. “Catwalk” é inspirada pela composição mais famosa de Henry Mancini, dedicada à popular Pantera cor-de-rosa. Em Catnap o compositor homenageia George Gershwin, cuja canção Summertime é a fonte de inspiração. E por fim a “Toccata” evoca o universo de West Side Story, homenageando Leonard Bernstein.

Jorge Castro Ribeiro
Miramar, janeiro de 2022

Jorge Castro Ribeiro



Nasceu em Valadares, em 1966. É licenciado em Ciências Musicais pela Universidade Nova de Lisboa e doutorado em Música (Etnomusicologia) pela Universidade de Aveiro, onde é Professor Auxiliar e Investigador Integrado do Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança

Para além de um intenso envolvimento académico de ensino, comunicação e investigação em música, desde há duas décadas que desenvolve atividade pública de divulgação musical, concebendo e apresentando concertos, bem como redigindo notas de programa e outros textos.

Apresenta e dinamiza regularmente concertos sinfónicos comentados. Entre as

orquestras com que já colaborou contam-se a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Filharmonica Cidade de Pontevedra, Orquestra de Extremadura, Orquestra Clássica de Espinho, Orquestra do Algarve / Clássica do Sul, Orquestra do Norte, Orquestra Filarmonia das Beiras, Drumming – GP, Orquestra ARTAVE, Orquestra ESART, Orquestra Sinfónica da ESMAE, Arte Sinfónica, Banda Sinfónica Portuguesa, Orquestra Fundação Estúdio de Guimarães, entre outras. Colaborou com mais de 30 maestros e fez a narração de diversas obras musicais, algumas das quais com texto original de sua autoria (Guia da Orquestra para Jovens de Benjamin Britten, Shehrazade de Rinsky-Korsakov, O Elefante Babar de Francis Poulenc, O Gato das Botas de Vasco Negreiros, Moon Chunks de Sara Carvalho, O Carnaval dos Animais de Camille Saint Saens, Pedro e o Lobo de Sergei Prokofiev, Os Planetas de Gustav Holst, O Super-Barbeiro adaptação de As Bodas de Fígaro de Mozart, entre muitas outras).

Entre 2005 e 2014 foi Diretor Artístico, concebeu e apresentou os Concertos Promenade do Coliseu do Porto, preenchidos com música sinfónica e dirigidos a famílias.

Desde 2002 que colabora anualmente com a Associação Musical das Beiras / Orquestra

Filarmonia das Beiras, desenhando e apresentando o projeto “Música na Escola” que promove dezenas de concertos didáticos dirigidos às populações do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico com sessões pedagógicas e Concertos de Família.

Desde a década de 2000 colaborou diversas vezes com as Orquestras das Escolas Profissionais de Música de Espinho e de Viana do Castelo, preparando conteúdos explicativos e apresentando concertos pedagógicos. Desde 2015 que concebe e apresenta os Concertos Promenade da Casa das Artes de Famalicão, série de 5 concertos anuais.

Participou na estreia e gravação da obra sinfónica com narração O Gato das Botas do compositor Vasco Negreiros.

É investigador integrado e membro do Conselho Científico do INET-md (Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos de Música e Dança). No âmbito científico, tem publicados trabalhos, ensaios e gravações etnomusicológicas em Portugal, Espanha, França, Reino Unido, Brasil, Argentina, Estados Unidos e Canadá. Participa regularmente em conferências a nível nacional e internacional (Espanha, França, Reino Unido, Alemanha, Brasil, Estados Unidos, África do Sul, Moçambique).

Paulo Martins



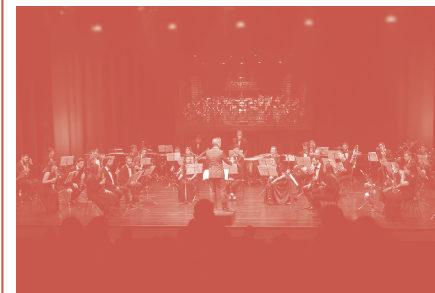
Teve como primeiro instrumento o Saxofone, prosseguindo os seus estudos em Fagote com o professor Hugues Kesteman, na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo (ESMAE) e na Alemanha, obtendo o curso de solista e o mestrado em performance na classe do Prof. Gunter Pfitzenmaier na “Hochschule für Musik Karlsruhe” (Alemanha), ambos com a máxima classificação. Foi premiado em diversos concursos e apresentou-se a solo com a Orquestra e Banda de Jovens de Santa Maria da Feira, Orquestra Sinfonietta, Orquestra ARTAVE, Orquestra de Câmara da Staatliche Hochschule für Musik Karlsruhe (Alemanha), e integrou várias Orquestras das quais se destaca a participação regular com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Estudou direção de orquestra com o maestro Osvaldo Ferreira,

Ernest Schelle, Eugene Corporon e Jorma Panula e em 2007 obteve o mestrado em direção com o conceituado maestro Jan Cober no Conservatório de Maastricht (Holanda), igualmente com distinção.

Tem vindo a orientar master classes e dirigir algumas orquestras e bandas em Portugal, Espanha, Argentina, Brasil entre outros. Como maestro, foi galardoado em diversos concursos: Certamen Internacional de Bandas de Música de Valencia em 2002, 2005 e 2010; Concurso Internacional de Bandas – Ateneu Artístico Vilafranquense na 2.a, 4.a e 5.a edição (todos com o 1.º prémio); Certamen Internacional de Bandas de Música Vila d’Altea em 2006, 2007 e 2014, tendo arrecadado a Batuta de Ouro; Concurso de Bandas Filarmónicas de Braga, 2017 com 1.º prémio e “Batuta de Prata”. Integrou o júri dos concursos: ‘Prémio Jovens Músicos’ da RDP; “ I Certamen Nacional de Bandas de Música D’Almàssera” em Valencia; “Certamen Internacional de Bandas de Música – Cidade de Valencia” e em 2016 presidiu o júri do “Certamen Internacinal de Bandas de Altea”.

É professor no CM do Porto, Diretor Artístico da Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens do Concelho de Santa Maria da Feira, da ARMAB e da Academia Portuguesa de Banda (APB).

Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira



O projeto da Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira surgiu em 1994, reunindo os jovens músicos do Concelho para “Estágios de Verão”. A partir de 1997, resultado do esforço conjunto da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e das escolas oficiais de música do Concelho, este projeto adquiriu um caráter mais permanente, nomeadamente com a sua formação de Orquestra. A direção artística do projeto ficou, então, sob a alçada do Maestro Osvaldo Ferreira que, de 1997 até 2004, foi o principal responsável pela implementação e desenvolvimento deste projeto musical. Em 1998 foi criada uma nova formação musical, a Banda Sinfónica, tendo sido convidado para

integrar a direção deste projeto o professor Paulo Martins, que, desde 1998 até 2004, assumiu as funções de Maestro Assistente da Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira.

No ano de 2004, a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira juntou-se ao Conservatório de Música de Fornos, às Academias de Música de Santa Maria da Feira e de Paços de Brandão e às Bandas Filarmónicas do Concelho, para formalizarem a constituição da Associação Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira, cujo propósito é o desenvolvimento da música no Concelho de Santa Maria da Feira e a gestão artística deste projeto.

Enquanto projeto musical, a Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira contou, desde o início, com a experiência formativa de diversos maestros nacionais e estrangeiros, tais como: Carlos Fontes, Leonardo Barros, Ivo Cruz, Sokhiev Tugan, Joana Carneiro, Cesário Costa, Ernest Schelle, José Pascual Vilaplana e Jan Cober, António Saiote, Teodoro Aparício Barberán, Rafael Garrigos. Atualmente, a direção artística do projeto está sob a responsabilidade do Maestro Paulo Martins.

A qualidade e o entusiasmo demonstrados pela Orquestra e Banda Sinfónica de Jo-

vens de Santa Maria da Feira já a levaram a atuar em diferentes pontos do país e no estrangeiro, nomeadamente:

- Joué-Lès-Tours, França, 1999, Geminação “L’ Années Joués”;
- Alicante, Ocãna e Aranjuez, Espanha, 2000;
- Alessandria, Génova e Asti, Itália, 2001;
- Valência, Espanha, 2002, 2.º Lugar na 2.ª Secção do Certamen Internacional de Bandas de Musica “Ciudad de Valencia”;
- Targovishte, Bulgária, 2002, Geminação;
- Roma, Pontedera, Itália, 2003, Festival “7Sois 7Luas”;
- Valencia, Espanha, 2005, 3.º Lugar na 1.ª Secção do Certamen Internacional de Bandas de Valência;
- Altea, Espanha, 2006, 1.ª Prémio na Secção Sinfónica do Certamen Internacional de Bandes de Musica Vila d’Altea;
- Erbach e Aalen, Alemanha, 2009.

Mercê da sua qualidade artística, este projeto musical e cultural tem conseguido angariar apoios a nível institucional, através do Ministério da Cultura, do Instituto das Artes e da Delegação Regional de Cultura do Norte e da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

Telmo Costa



É atualmente solista A da Orquestra Gulbenkian em Lisboa, lugar que ocupa desde 2019.

Iniciou os seus estudos na Tuna Musical de São Paio de Oleiros com o professor José Américo Belinha, prosseguindo-os na Academia de Música de Paços de Brandão com o professor Hélder Tavares, com o qual terminou o oitavo grau. Posteriormente, foi admitido na classe do professor François Benda na Hochschule für Musik em Basileia, na Suíça, onde completou a licenciatura e onde se encontra a terminar o mestrado solista.

Colaborou com várias orquestras, como a Orquestra Sinfónica de Lucerna na Suíça, na qual foi academista, Orquestra Real do Concertgebouw e Orquestra Filarmónica Portuguesa.

Para além disso foi membro de orquestras de jovens nacionais e internacionais, das quais se destacam a Orquestra de Jovens Gustav Mahler, Neue Philharmonie em Munique, Orquestra Sinfónica de Jovens da Suíça e a Jovem Orquestra Portuguesa.

Apresentou-se a solo com a Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, com a Orquestra Gulbenkian e em vários recitais um pouco por todo o país.

Foi também vencedor de vários concursos nacionais e internacionais, tais como o Prémio Jovens Músicos, no qual lhe foi ainda atribuído o Prémio Maestro Silva Pereira, o prémio da European Union of Music Competitions for Youth e o prémio Círculo Richard Wagner. Para além destes, conta ainda com primeiros prémios no North International Music Competitions, no Vienna International Music Competition e no International Clarinet Competition APC.

Apresentou-se em festivais onde teve a oportunidade de trabalhar com professores como François Benda, Kilian Herold, Harri Mäki, Florent Héau, Juan Ferrer, António Saiote e Nuno Pinto, e colaborou, como docente, na Academia de Verão da Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira.

Ficha Técnica

Direção Musical | Maestro

Paulo Martins

Diretor Artístico | Apresentação

Jorge Castro Ribeiro

Produção

Associação Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira
Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

Coordenação Artística

Catarina Rebelo

Coordenação Técnica

Telma Luís

Design

Estrela Silva

Conteúdos Multimédia

Nuno Seabra

Técnico de Luz

Carlos Vieira

Técnico de Som

António Carlos Ferreira

Diretor de Cena

Miguel Ferreira

Fotografia

César Coriolano

Projeções Multimédia

Cineteatro António Lamoso

Apoio Multimédia

Micael Nogueira

